

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUCSP  
CENTRO DE ARTES E EDUCAÇÃO FÍSICA**

# **RELATÓRIO TÉCNICO DE ARTES**

**São Paulo - 2005**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUCSP  
CENTRO DE ARTES E EDUCAÇÃO FÍSICA**

# **RELATÓRIO TÉCNICO DE ARTES**

## **EQUIPE RESPONSÁVEL**

Profa. Dra. Maria Rosa Duarte de Oliveira  
Profa. Ms. Naira Neide Ciotti  
Profa. Dra. Sandra de Camargo Rosa Mraz  
Profa. Vera Cecília Achatkin

Revisão e Editoração: José Renato Fonseca de Almeida

**São Paulo – 2005**

**Presidente da República - Luiz Inácio Lula da Silva**  
**Ministro da Educação - Tarso Genro**  
**Secretário Executivo - Fernando Haddad**  
**Secretário de Educação Básica - Francisco das Chagas Fernandes**

**Ministério da Educação**  
**Secretaria da Educação Básica**  
**Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental**  
**Coordenação Geral de Política de Formação**

**Diretora do Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental -**  
**Jeanete Beauchamp**  
**Coordenadora Geral de Política de Formação - Lydia Bechara**

**São Paulo – 2005**

## ÍNDICE

Índice .....	04
Introdução .....	05
Metodologia .....	06
O espaços físicos e seus equipamentos .....	07
Diagnóstico .....	11
Conclusão .....	13
Anexo: Cidades e escolas visitadas .....	16

## Introdução

Para responder aos desafios do ensino da arte, é preciso, antes de mais nada, conhecer a situação em que se encontram as escolas da rede pública e o lugar que a arte, efetivamente ocupa no ambiente escolar.

Em geral, e com muita probabilidade de ocorrência, a escolha das atividades de lazer, e nelas se inclui também a arte, é feita pelo adulto. Nesse sentido, a escola ocupa um lugar de destaque na formação de crianças e jovens, uma vez que, em geral, é o ambiente primeiro em que eles entram em contato com a arte.

O fazer arte tem implicações que ultrapassam os limites do conhecimento da história, dos instrumentos e das técnicas. Fazer arte, para a criança e para o jovem tem significados e funções diferentes, e precisam ser observados e cuidados no ambiente escolar, com interesse e fundamentação.

Preparar e disponibilizar um ambiente seguro e adequado ao desenvolvimento da arte, é um primeiro passo, na direção do reconhecimento da arte, como parte constituinte da formação cidadã. Para isso, no entanto, é necessário o compromisso de todos os envolvidos no processo de ensinar-aprender arte, do professor a quem cabe diretamente a tarefa de conduzir o aluno pelo território da arte às instâncias governamentais que promovem as condições concretas e materiais para a sua existência.

No relatório, que se segue, procuramos apresentar um panorama geral da situação física dos ambientes escolares para o ensino da arte e da prática da arte nesses ambientes.

## Metodologia

Foram utilizados os seguintes procedimentos para o levantamento das informações das condições do ambiente físico escolar e de seu uso para o ensino da arte e desenvolvimento de atividades artísticas:

- Contato com a F.D.E. (Fundação para o Desenvolvimento da Educação).
- Contato com Delegacias de Ensino e N.A.E.s (Núcleo de Ação Educativa).
- Contato com diretores e coordenadores pedagógicos de algumas escolas da rede pública.
- Diretoria de Ensino Região Norte 1
- Pesquisa de campo realizada em 2003 e 2004, em 34 (trinta e quatro) escolas da rede pública do município de São Paulo e 42 (quarenta e duas) escolas em 16 (dezesesseis) municípios do interior do estado, derivada da realização de projeto de arte na escola.

O cruzamento de dados obtidos junto às diferentes esferas educacionais e aqueles oriundos da observação *in loco*, constituem importante ferramenta de diagnóstico da realidade da escola pública na região pesquisada e serve de parâmetro para a construção de um projeto de ensinar-aprender arte, no qual o envolvimento das secretarias estadual e municipal de educação, das coordenações e das direções das escolas, mais do que desejável, mostra-se essencial para o sucesso de quaisquer iniciativas de pensar e fazer arte na escola.

## Os espaços físicos e seus equipamentos

O espaço é sempre um grande desafio, principalmente quando falamos de uma realidade tão diversificada como a nossa. Uma breve análise das condições dos espaços dedicados ao ensino da arte ou realização de atividades de cunho artístico demonstram claramente o lugar ocupado pela arte na escola.

### **Teatro:**

Cerca de 80% das escolas pesquisadas possui algum tipo de espaço passível de ser usado para representação: da mera utilização da quadra de esporte como espaço para atividades artísticas, passando por palcos de cimento construídos no pátio das escolas – estes encontrados na maioria delas – à uma sala adaptada ou um auditório, até o teatro propriamente dito.

Do ponto de vista da acomodação do público, por sua vez, os espaços oferecem pouco conforto. Quando as apresentações são realizadas no pátio, os alunos em geral, sentam-se no chão. Apenas uma escola, possui a prática de fazer os alunos transportarem as carteiras para o pátio. Quando as apresentações são realizadas nas salas adaptadas, auditórios e/ou teatros encontramos um número grande de cadeiras em péssimas condições – quebradas e bambas.

Com relação ao palco, percebe-se que muitos foram construídos sem levar em consideração questões de visualização plena do que acontece nele, prejudicada ainda pela pouca iluminação.

Em nenhum dos locais pesquisados havia qualquer equipamento de luz instalado. No máximo, uma lâmpada pendurada no centro do palco ou luz fluorescente.

Alguns espaços para a representação possuem uma sala anexa, que serve de camarim. Em geral, esses lugares são utilizados como depósito de materiais das mais diversas naturezas.

Como, em geral, as escolas possuem algum tipo de aparelhagem de som, esta pode ser usada no palco, porém, dificilmente se encontra nas escolas as extensões elétricas necessárias para se ligar os aparelhos.

No caso das escolas de Educação Infantil encontramos uma realidade curiosa. Pense-se na criança pequena como um ser que deva ser necessariamente circundado por cores e desenhos infantis. Não só as salas de aula encontram-se decoradas com personagens de contos de fadas, plantas e animais, como também os palcos. Essa prática, encontrada em muitas

escolas, prejudica a criatividade da criança, já que ela é colocada num ambiente em que se pré-determina a orientação de suas idéias pelas imagens pintadas nas paredes do palco.

Quando na escola não se encontra um espaço adequado para uma determinada apresentação, ou o evento é considerado de especial importância, algumas escolas adotam a prática de entrar em contato com as bibliotecas ou teatros municipais para deslocar para estes espaços os eventos artísticos que vão ocorrer.

Cabe ressaltar que alguns teatros de escola são maiores e melhores do que muitos teatros privados ou públicos, e poderiam perfeitamente fazer parte do circuito teatral da cidade, se reformados e equipados adequadamente.

### **Sala de Artes:**

Não houve nenhum registro da existência de um espaço especial destinado às atividades de artes visuais.

Quando não realizadas na própria sala de aula, são deslocadas para o pátio da escola. Nesse caso, as crianças trabalham sentadas ou em piso frio ou nas mesas utilizadas para a realização das refeições.

Quanto aos materiais, além dos habituais (papel, lápis de cor, giz de cera etc), em algumas escolas encontramos uma tendência a utilização de materiais recicláveis e sucatas para a confecção dos trabalhos.

### **Biblioteca:**

A maioria das escolas visitadas possuem bibliotecas que, geralmente, encontram-se equipadas com livros didáticos, algumas enciclopédias e literatura utilizada em sala de aula.

O espaço físico da Biblioteca, em sua grande maioria, é composto de algumas estantes, uma mesa para o funcionário e um balcão que separa o aluno dos livros.

Outras vezes, a própria porta da biblioteca serve de balcão. Não há mesas de consulta e estudo, assim como não há atividade desenvolvida dentro da biblioteca.

Quanto ao acesso dos alunos à biblioteca há discrepâncias entre as informações prestadas nos contatos efetuados e a observação presencial.

No contato com as escolas via telefone, os coordenadores pedagógicos afirmaram que os alunos tinham livre acesso aos livros. Nas visitas efetuadas, embora não seja o padrão, muitas bibliotecas encontravam-se fechadas, devendo o aluno dirigir-se à secretaria para



solicitar o acesso a algum livro. A justificativa para tal procedimento é a baixa procura da Biblioteca pelos alunos ou falta de funcionários.

A Biblioteca é vista como um ambiente suporte para o cumprimento de trabalhos escolares e não de desenvolvimento do aluno.

### **Sala de Música:**

Inexiste. Quando muito a escola dispõe de alguns instrumentos musicais, aos quais os alunos raramente têm acesso.

Em uma das visitas, encontramos uma quantidade significativa de instrumentos de percussão apodrecendo em um depósito úmido, anexo ao teatro da escola, porque seu uso implicava em barulho, o que na opinião do diretor era contrário ao que ele entendia por educação.

O instrumento mais encontrado nas escolas é o piano. Via-de-regra, desafinado e faltando teclas. Quando não está trancado, e a chave encontra-se em poder de alguém que nunca está na escola na hora em que o piano precisa ser utilizado, encontra-se em uma sala especial, por sua vez trancada, porque o piso, muito bem encerado pela faxineira, não pode ser riscado.

Todas as escolas possuem algum tipo de aparelhagem de som e algumas até microfones de lapela, cuja necessidade não foi esclarecida.

Em uma escola encontramos uma rádio funcionando, que longe de oferecer uma programação musical diferente da encontrada comercialmente, apresentava um repertório musical de baixíssima qualidade e preconceituoso que não contribuía para a formação de uma consciência crítica (aliás, esse poderia ser um motivo plausível para sua ocorrência em ambiente escolar), nem para a educação musical dos alunos.

### **Os equipamentos existentes:**

#### **Informática:**

Tanto as consultas feitas às escolas quanto as visitas realizadas constatam a existência de computadores na maioria das escolas. Seu uso, porém, é limitado, restringindo-se aos professores.

### **TV, Vídeo, Retroprojektor e Projetor de Diapositivos:**

As escolas possuem aparelhos de televisão e vídeo. Algumas possuem retroprojektor e, poucas, projetor de diapositivos. Todos os equipamentos são de uso exclusivo da escola. Ficam em salas especiais, dentro de armários ou de caixas de arame trancadas com cadeados. Constantes assaltos e depredações justificam essa medida; porém, novamente nos deparamos com existência de uma chave que limita o uso.

## Diagnóstico

Os dados coletados na pesquisa indicam claramente uma visão de arte como uma área não integrada de fato à educação escolar e, portanto, não considerada, na prática, embora os discursos apontem o contrário, como parte constituinte da formação do indivíduo. Vista em grande parte como mero lazer, sua ocorrência é entendida como algo que atrapalha o bom andamento das aulas já que, no entendimento daqueles que coordenam e dirigem as escolas, ela promove barulho, sujeira e “bagunça”.

Quem tem a chave?

Essa parece ser uma pergunta cabível e muito significativa. A arte encontra-se trancada no seio da escola. O acesso a ela ocorre em momentos especiais e sua manifestação, em geral, está ligada à datas e eventos comemorativos do calendário escolar.

Poucos são os trabalhos contínuos. Estes, em geral, estão a cargo de professores bem intencionados que procuram por seus próprios recursos desenvolver atividades com as crianças e os adolescentes. Não há espaço para uma reflexão mais séria e o resultado acaba deixando a desejar, pois os próprios professores pouca intimidade têm com a arte. Alguns jamais foram a um teatro ou a um museu. Raramente vão ao cinema e a leitura que fazem está ligada mais diretamente à sua atividade como professor. A justificativa, em grande parte, é de ordem financeira. Porém, se tomarmos como exemplo São Paulo, uma quantidade enorme de atrações, de todas as linguagens artísticas, são oferecidas gratuitamente à população. O problema é que por não terem intimidade com a arte, confundem o artista com a celebridade, e a televisão é considerada como o grande modelo.

Tomando o teatro como exemplo, em apenas uma escola encontramos um grupo de teatro constituído.

Na área de Artes Visuais, o que se encontra é a prática de um projeto de arte baseado, prioritariamente, nos materiais de imagens produzidos e doados pelas grandes exposições (Bienais, Pinacoteca), que não se traduzem na realização de um verdadeiro projeto de arte na escola, na medida em que se atêm à reprodução de algumas imagens e dados biográficos de alguns poucos artistas (e sempre os mesmos), insistindo numa metodologia do ensino de artes “a moda de”, fomentando a reprodução em detrimento da expressão criativa e do conhecimento das técnicas necessárias à execução.

No mais, as poucas experiências artísticas realizadas dentro da escola encontram-se ligadas à outras áreas de conhecimento, servindo à aprendizagem de conteúdos dessas áreas e não à experiência artística.

Notadamente percebe-se que há pouca valorização da produção artística de professores e alunos. Nesse sentido encontramos apenas algumas exposições realizadas nos corredores da escola ou no saguão de entrada, com o objetivo de impressionar os pais.

A mesma prática observada nas paredes decoradas dos palcos das escolas, podemos encontrar nos muros da escola. Murais e grafites elaborados por iniciativas bem intencionadas parecem resolver, para alguns, a questão do papel da arte na escola.

Poucas são as escolas que possuem ambientes e equipamentos adequados tanto para a realização quanto para a recepção de programações artísticas. A dança, por exemplo, praticamente inexistente. As condições físicas dos ambientes impedem que espetáculos possam ser apresentados ou criados em ambiente escolar. O piso de cimento não oferece segurança ao desenvolvimento da linguagem.

Com relação à ida da arte à escola, esbarra-se em questões delicadas. Quando a arte vai à escola dentro de algum programa de governo, ela é, em geral, bem recebida, encontramos suas portas abertas e tudo é feito no sentido de mostrar o quanto a escola valoriza a iniciativa e quanto a experiência artística é importante para a formação dos alunos. Quando a arte chega na escola por suas próprias pernas, o quadro, porém, é bem diferente. As portas estão fechadas e argumentos de todas as ordens são dados para justificar a não entrada da arte. No caso de espetáculos, especificamente, encontramos uma situação bastante séria. Algumas companhias especializadas em teatro de escola, em São Paulo, detém o controle através de acordos com professores e diretores, envolvendo comissões de venda, cujos valores são às vezes revertidos em benefícios para a própria escola e às vezes não. Por outro lado, o teatro que muitas dessas companhias leva à escola longe de ser arte, presta-se ao ensino de hábitos de higiene e saúde ou de temas meramente didáticos. A questão temática não seria problema se houvesse uma preocupação com a qualidade do trabalho. Ao invés disso, tomam a escola como um ambiente fácil, já que os alunos têm pouco acesso à arte e, portanto, não dispõem de conhecimentos suficientes para avaliar qualitativamente o que está sendo apresentado.

Programas e iniciativas, algumas patrocinadas pelo próprio governo, têm procurado romper esse quadro, mas há que se ressaltar, que esses projetos, embora escolhidos por técnicos e segundo rigorosos critérios de qualidade, pela falta de estrutura do ambiente escolar para recebê-los, com frequência sofrem adaptações que impedem que a experiência seja total. Os cenários, por exemplo, são via-de-regra abolidos ou diminuídos.

## Conclusão

Urge encontrar a chave da arte na escola. Esteja ela confinada em salas trancadas com cadeados ou exposta nos muros, sua função parece, no cotidiano da escola, ser meramente decorativa.

O espaço para se fazer e para se ter arte é de fato escasso.

Desejável seria que houvesse uma sala de artes preparada para o desenvolvimento das diferentes formas de manifestação das artes visuais; equipadas com torneira, tanque e mesas. As carteiras escolares, limitam os movimentos do braço e não servem de apoio adequado para a execução de desenhos e pinturas, por exemplo.

Desejável seria que os teatros ou espaços destinados às apresentações possuíssem piso adequado, equipamentos de som e luz e certo conforto para os alunos. O sentar no chão frio dos pátios, por exemplo, além de envolver questões de saúde, comprometem a atenção das crianças e alimentam comportamentos não compatíveis ao que se desenrola no palco.

Desejável seria se os instrumentos musicais estivessem disponíveis e em condições de uso, e não fossem meramente tomados como incômodo ou elemento decorativo e histórico, mostrado como uma espécie de símbolo de *status* da escola, em ocasiões especiais.

Desejável seria que as bibliotecas estivessem de fato abertas, possuíssem ambiente convidativo à permanência das crianças, acervo variado, e o livro fosse tomado em sua dimensão imaginativa e poética.

O desejável não é, porém, a realidade com a qual efetivamente temos que trabalhar. E, embora o quadro geral seja negativo a princípio, experiências artísticas reais provam que é possível fazer arte na escola, estabelecer interfaces entre a escola e os ambientes da arte, e romper com a arte os muros da escola envolvendo a comunidade.

Um exemplo disso foi um projeto criado pelo Centro Cultural São Paulo, chamado Passaporte Cultural, no qual as crianças do Ensino Fundamental recebiam, em suas escolas, no início do ano, uma réplica simplificada de um passaporte e durante o ano eram levadas ao Centro Cultural, como se fosse uma viagem ao desconhecido território da arte, para conhecer o ambiente, o fazer, os equipamentos, um pouco da história e dos “bastidores” de cada uma das linguagens artísticas. Cada visita resultava em um carimbo no passaporte. A visita se fazia acompanhar de uma apresentação ou atividade prática de cada uma das linguagens artísticas para e com as crianças. A viagem ao mundo do teatro, da dança, dos livros, das artes plásticas, do cinema e da fotografia era realizada no Centro Cultural, e a da música no Teatro Municipal.

A empolgação das crianças em percorrer os espaços da arte e desvendar os mistérios das linguagens artísticas era visível e se fazia acompanhar pelo orgulho em mostrar o passaporte carimbado. Para os professores, o projeto era uma oportunidade única. Faziam anotações das informações passadas, perguntavam e demonstram muito interesse em saber como continuar a ação educativa na escola.

Após o primeiro ano do projeto, quando se preparava a ampliação e o aprimoramento, houve mudança de governo e o projeto foi cancelado no Centro Cultural, permanecendo apenas a área de música, deslocada para os teatros municipais de bairro, muitos dos quais sofrem de falta de equipamentos e infra-estrutura, tal qual as escolas.

Uma outra experiência a destacar, vem do interior do estado de São Paulo, da cidade de Araçariguama. Em decorrência de um projeto da Secretaria de Estado da Cultura, chamado Caravana Cultural, o pequeno município foi escolhido para receber um espetáculo de teatro, em meados de 2001.

O espetáculo em questão era musical, com onze atores em cena e usava um piano. Nenhuma casa da cidade possuía piano. A cidade nunca havia recebido um espetáculo teatral, não possuía teatro e a peça iria inaugurar o primeiro palco, construído no pátio da escola municipal.

A falta do piano, que nesse caso, se substituído por um teclado comprometeria a qualidade do espetáculo, já que se tratava de uma peça de época, provocou uma mobilização local e a cidade acabou ganhando um piano, que foi colocado na escola.

A apresentação foi realizada e o impacto que provocou na platéia que o assistiu, fez com que o prefeito, através da diretora do departamento de educação e cultura, solicitasse à Regional de Cultura de Sorocaba, o envio de um professor de teatro para a cidade.

Uma primeira oficina de teatro foi realizada, na escola, e resultou na montagem de um espetáculo sobre a história do município. Essa primeira oficina foi seguida de outra e, mais outra, até que a escola se tornou pequena para abrigar a quantidade de atividades artísticas que lá existiam. Em 3 anos, a cidade ganhou uma Secretaria de Cultura e uma Casa de Cultura, instalada num barracão. Infelizmente, o projeto acabou abruptamente, no final de 2004, imediatamente após a eleição. A casa era freqüentada, no momento de seu fechamento, por 400 habitantes, em sua maioria crianças e jovens, que participavam das oficinas de dança, teatro, violão, desenho artístico, teclado, coral adulto e infantil, além da oficina de restauro.

Os dois exemplos citados demonstram que o lugar da arte na sociedade, e nela se inclui a escola, a despeito das iniciativas, depende diretamente de políticas públicas, tanto para o ensino da arte quanto para o acesso a ela. A realidade, no entanto, demonstra a

fragilidade de programas e projetos de arte que ficam à mercê da vontade política e de questões partidárias, completamente alheias à arte, mas que impedem e boicotam o seu desenvolvimento.

Um projeto como este, que o MEC ora desenvolve, para capacitação de professores e tutores em arte, em convênio com as universidades, demonstra preocupação em romper práticas existentes e em responder às Diretrizes Curriculares, que apontam como fundamental o diálogo entre as secretarias estaduais e municipais de educação, para a efetivação de programas de formação continuada, garantindo os meios para sua viabilização. Por outro lado, há que se pensar uma forma de garantir minimamente condições de sobrevivência desta iniciativa, em ações que promovam autonomia dos agentes da arte, em nosso caso específico, dos professores e suas escolas.

Se o ambiente físico da escola para o desenvolvimento da arte é precário, isso não deve, no entanto, resultar em fator impeditivo à sua realização. Não será o teatro, a sala de artes ou a biblioteca construída e equipada em seus mínimos detalhes que garantirão a qualidade e o sentido da arte produzida ou apreciada dentro ou fora da escola. Por outro lado, a ausência de material de referência e de qualidade, em nada contribui para o estímulo ao ingresso no território da arte. O elemento humano é o fator primordial, que em nosso caso se traduz na figura do professor.

Fornecer a ele instrumentos para pensar a arte e criar meios para a sua concretização em sua realidade local é primordial. Se não dispomos de um espaço adequado para a arte, sugerimos, em nosso projeto, como alternativa para a prática do ensino da arte, o uso das Caixas de Interface, como espaço transportável e facilmente utilizável na própria sala de aula.

Um dado importante a ressaltar é que estas são as informações preliminares, feitas com o levantamento realizado e que, a partir de agora, a pesquisa continua numa segunda etapa, quando os cursos começarem a se realizar, nos quais poderemos enriquecer e detalhar os dados desta fase, visto estarem previstas atividades de levantamento local de dados nas nossas estratégias de trabalho.

## **Anexo: Cidades visitadas no interior e litoral do estado**

- Araçariguama
- Avaré
- Bauru
- Botucatu
- Caraguatatuba
- Fartura
- Itaquera
- Itu
- Jaú
- Lins
- Marília
- Mogi das Cruzes
- Piraju
- Santos
- São José do Rio Preto
- Votuporanga

## **Escolas visitadas no município de São Paulo**

- CEI Samir Rachid
- EMEI Presidente Dutra
- EMEI Cornélio Pires
- EMEI Cásper Líbero
- EMEI Lar Sírio
- EMEI Quintino Bocaiúva
- EMEF Anália Franco Bastos
- EMEF Infante Dom Henrique
- EMEF Arthur Azevedo
- EMEF Fábio Da Silva Prado
- EMEF Leonor Mendes De Barros
- EMEF Major Sílvio Fleming



- EMEF Barão de Mauá
- EMEF Othelo Franco
- EMEF Jackson De Figueiredo
- EMEF Dr. Fábio Da Silva Prado
- EMEF Assad Abdala
- EMEF Emiliano Di Cavalcanti
- EMEF Arthur Azevedo
- Escola Integrar (crianças portadoras de necessidades especiais)
- E.E. Pedro Alexandrino
- E.E. Tarcísio Álvares Lobo
- E.E. Antônio José Leite
- E. E. Brasília Machado
- E. E. Prof. Andronico de Mello
- E. E. Oswaldo Aranha
- E. E. Erasmo Braga
- E.E. Professor José Monteiro Boanova
- E.E. Senador Adolfo Gordo
- E. E. Carmelinda Marques Pereira
- E. E. Estadual Pedro Taques
- E. E. Rômulo Pero
- E. E. Professor Colombo de Almeida